

Línguas estrangeiras modernas e o Reino Unido: o caso do País de Gales

Carlos Sanz Mingoⁱ 

Cardiff University, Cardiff, Wales

1

Resumo

Os resultados do referendo do Brexit, ocorrido no Reino Unido em 23 de junho de 2016, tiveram impactos que vão além do âmbito político. Também tiveram repercussões pedagógicas na já problemática situação do estudo das línguas estrangeiras modernas. Além disso, também pôde haver afetado a maneira como as pessoas entendem a importância e os benefícios de se estudar e falar outros idiomas. Existem vários fatores que influenciam o número de pessoas que estudam línguas estrangeiras, e estes vão desde o tradicional até o gerencial. Este artigo visa fornecer alguns *insights* e possíveis soluções para o terrível panorama das línguas estrangeiras modernas dentro das limitações existentes.

Palavras-chave: Brexit. Línguas Estrangeiras Modernas. País de Gales. Sistema Educacional. Ensino e Aprendizagem.

Modern Foreign Languages and The United Kingdom: The Case of Wales

Abstract

The results of the Brexit referendum that took place in the UK on June 23rd, 2016, have had impacts that go beyond the realm of politics. They have also had educational repercussions on the already problematic situation of the study of Modern Foreign Languages. Furthermore, it could also affect the way that people understand the importance and benefits of studying and speaking other languages. There are several factors that have an influence on the number of people that study foreign languages, and these range from the traditional to the managerial. This article aims at providing some insights and possible solutions to the dire panorama of Modern Foreign Languages within the existing constraints.

Keywords: Brexit. Modern Foreign Languages. Wales. Educational System. Teaching and Learning.

1 Introdução

Ninguém duvida da importância de aprender e falar outras línguas. Dá às pessoas a compreensão de outras culturas, outras formas de pensar e abre-lhes a mente. Pode até ser uma porta para novas oportunidades de emprego. Num mundo que se está a tornar cada vez mais global, falar outras línguas está a tornar-se uma vantagem fundamental para muitas pessoas. Mas também pode ser bom para a saúde

de alguém. Muitos países em todo o mundo incluíram as Línguas Estrangeiras Modernas (MFL) como parte do seu programa de estudos e são mesmo obrigatórias no Bacharelato Internacional, com estudantes a estudarem a sua própria língua e literatura mais outra língua estrangeira.

2

No entanto, no Reino Unido, a aprendizagem de línguas estrangeiras deixou de ser obrigatória no GCSE (General certificate of Secondary Education, o ensino secundário obrigatório) sob o governo de Tony Blair. Após esta decisão, o número de estudantes que fazem um MFL tem vindo a diminuir ano após ano, principalmente em alemão e francês. Brexit pode ter acrescentado mais tribulações à situação. O documento Language Trends 2019 publicado pelo British Council enfatiza o "impacto sentido quando escolhem as suas opções". Na sua mente, Brexit invalida a necessidade de aprendizagem de línguas". (15) Acrescentada a isto, a nova regulamentação de imigração imposta pelo governo britânico pode ter um efeito na atracção de cidadãos da UE para trabalhar no Reino Unido, seja a nível educacional, como professores ou conferencistas, ou no mercado de trabalho em geral, principalmente com as empresas que dependem do seu comércio com países da UE.

O presente artigo fornece alguns dados extraídos de inquéritos realizados por diversas organizações, tais como o Governo galês, o British Council ou Routes into Languages, que descrevem um panorama sombrio da situação da aprendizagem de MFL, seguido de algumas sugestões que podem ajudar no recrutamento de mais estudantes.

1 1 Metodologia

As fontes utilizadas para este artigo baseiam-se em documentos oficiais publicados por organizações como o British Council, o Governo galês ou o Conselho Universitário de Línguas Modernas, entre outros, com o objectivo de analisar e responder a três questões principais iminentes: há alguma hipótese de aumentar novamente o interesse pelas línguas, apesar da situação sombria? Que medidas estão a

ser tomadas pelos diferentes interessados para reacender o interesse na aprendizagem de MFL? E o que poderia ser sugerido a fim de evitar a diminuição do estudo de línguas no Reino Unido?

Os dados utilizados foram originalmente produzidos sob a forma de inquéritos com diferentes intervenientes, principalmente professores, gestores, pais e estudantes do ensino primário e secundário, mas também com empresas, como é o caso das conclusões do British Council. As empresas são especificamente vocais na necessidade de pessoal multilingue, para que as empresas britânicas não fiquem para trás no mercado global.

As fontes utilizadas datam de 2015 em diante, e recolhem os resultados de uma tendência decrescente do consumo de MFL nas escolas secundárias desde que o MFL deixou de ser uma disciplina obrigatória no currículo do GCSE em Setembro de 2004 (OFSTED, 2021). A utilização de fontes publicadas por tais organizações com base nos resultados dos seus inquéritos fornece uma imagem fiável da situação e algumas bases sobre as quais se podem tirar algumas sugestões e conclusões.

Os inquéritos de Ofsted e do Governo galês fornecem informações sobre a situação das escolas primárias e secundárias. Routes into Languages, por exemplo, explica como é a situação nas escolas secundárias e como esta é alimentada nas universidades, enquanto o British Council se concentra nos benefícios das pessoas multilingues para a economia e para o mundo do trabalho. O relatório do Conselho Universitário de Línguas Modernas centra-se mais nas universidades.

2 Resultados e Discussão

A 23 de Junho de 2016, o Reino Unido realizou um referendo sobre a sua adesão à União Europeia. À pergunta "Deve o Reino Unido permanecer membro da União Europeia ou deixar a União Europeia?", aproximadamente menos de 52% da população eletiva votou para deixar a UE, enquanto pouco mais de 48% expressou a



sua preferência por permanecer membro. As condições da saída ainda estão a ser debatidas no momento da redacção deste artigo.

Com um claro declínio no número de estudantes a estudar línguas no Reino Unido, Brexit pode parecer outro impacto negativo a ser acrescentado. No entanto, haverá hipóteses de as línguas voltarem a suscitar mais interesse, apesar do panorama sombrio? Que medidas estão a ser tomadas pelos diferentes interessados para reacender o interesse na aprendizagem de Línguas Estrangeiras Modernas (MFL)? Quais poderiam ser as melhores sugestões a fim de evitar a diminuição da entrada no estudo de línguas no Reino Unido? Este artigo tentará responder a essas questões e dará algumas indicações e sugestões para ajudar na admissão de MFL, com atenção especial para o País de Gales.

Em 2012, o governo conservador liderado por David Cameron aprovou um aumento das propinas universitárias em todo o Reino Unido. Devido a isto, as universidades precisavam de encontrar formas de se envolverem mais com a comunidade e de trabalharem mais estreitamente com outros intervenientes na sociedade. Um dos resultados disto foi um projecto chamado Routes into Languages (de agora em diante, RiL). Este projecto "apoia a missão cívica das universidades envolvidas no envolvimento com as suas comunidades locais, proporcionando um mecanismo através do qual professores e alunos podem entrar nas universidades, bem como estudantes universitários que saem para as escolas". (RiL, 19) Este projecto é financiado por cinco universidades galesas (Aberystwyth, Bangor, Cardiff, Cardiff Metropolitan e Swansea), juntamente com os quatro consórcios educacionais no País de Gales, o British Council Wales e a Comissão Europeia País de Gales, e tem dois pólos principais que estão situados na Universidade de Bangor, no norte, e na Universidade de Cardiff, no sul do País de Gales.

O RiL visa envolver os alunos nas escolas para aprenderem MFL, explicando-lhes os seus benefícios, melhorando os níveis de entusiasmo na aprendizagem de línguas, e melhorando as capacidades de empregabilidade dos alunos através da utilização e aprendizagem de um ou mais MFL. Para tal, o RiL preparou uma série de





actividades que visam fomentar a aprendizagem de línguas, tais como as masterclasses de nível A, onde os estudantes de nível A (os últimos dois anos no secundário antes da universidade) são ensinados filmes e literatura por professores universitários sobre eventos e dias específicos através de exercícios e actividades com os quais os estudantes podem praticar as línguas; através do projecto Student Language ambassador, onde os estudantes universitários de MFL são empregados e preparados para ir às escolas e falar sobre os benefícios da aprendizagem de MFL; através do concurso "Spelling Bee", que é um concurso anual que proporciona aos alunos do ano 7 (alunos que acabaram de entrar no ensino secundário) a oportunidade de melhorar o seu vocabulário e competências ortográficas num MFL; e, finalmente, através do "Pupil Language Ambassador Training", onde os alunos do ano 8 ou 9 das escolas secundárias que estão a estudar um MFL trabalham com alunos mais jovens para os informar sobre a importância e as vantagens de aprenderem uma língua.

Entre 2016 e 2018, o RiL realizou um exercício de avaliação sobre as suas realizações e progressos. Um dos objectivos deste exercício era avaliar o impacto que o RiL tinha tido sobre a ingestão de LMF a nível do ensino secundário. O número de escolas que participam nas diferentes actividades organizadas pelo RiL aumentou de ano para ano e este é um bom indicador que pode reflectir um aumento da relevância da aprendizagem de línguas num Reino Unido pós-Brexit e no interesse do Reino Unido em não ficar para trás no exercício de comércio global ao perder no uso de línguas, um problema que tem sido salientado pelo British Council. As escolas que participaram no projecto foram tanto escolas de inglês-médio como de galês-médio, com um número diferente de alunos que tomaram o MFL como tema de estudo. Estas escolas atribuem a diminuição do número de estudantes interessados em aprender um MFL a diferentes factores, um dos quais é a introdução do Baccalauréat galês.

Este foi concebido pelo Instituto para os Assuntos Galeses, primeiro pilotado em 2003 e finalmente introduzido em 2007, com algumas alterações em 2015. O Welsh Baccalaureate visa melhorar as competências úteis para a educação e o emprego, e é estudado em paralelo com as qualificações académicas e profissionais. Após o início do





Bacharelato do País de Gales, seguiu-se uma série de revisões, e todas elas apontaram o papel deficiente que os MFL têm no sistema educativo galês.

A revisão de 2009 levada a cabo por Estyn, o gabinete independente da Inspeção de Educação e Formação de Sua Majestade no País de Gales, centrou-se principalmente no ensino de MFL nas escolas secundárias: os resultados mostraram uma disparidade no número de horas dedicadas ao ensino de MFL entre as escolas. Salientou também a escassez do ensino e aprendizagem de MFL em cursos profissionais. O Relatório Estyn constatou também que as escolas estavam a utilizar o modelo linguístico do Bacharelato do País de Gales para desenvolver o galês em vez de MFL, e, intrigantemente, sublinhou a falta de comunicação e colaboração entre os departamentos de inglês, galês e MFL, apesar das suas semelhanças óbvias. Isto contrasta fortemente com o chamado English Baccalaureate, que foi introduzido em 2010 e onde o estudo de uma língua (moderna ou clássica) é obrigatório para os estudantes..

Outras razões recolhidas pelo relatório RiL para explicar a queda no número de estudantes que estudam MFL incluem a adição de disciplinas mais vocacionais que os estudantes consideram mais atractivas do que as tradicionais. Um aspecto chave para mudar esta tendência deveria tornar as pessoas conscientes do lado "vocacional" das línguas, uma vez que são totalmente aplicáveis e complementares a outras disciplinas de estudo, e isto parece ter sido assumido por estudantes que entendem as competências linguísticas como importantes para as suas vidas em geral e para o trabalho em particular.

Um ponto a ter em consideração é que o British Council também salientou a necessidade de mais licenciados com línguas na futura força de trabalho no Reino Unido, precisamente com base nas competências profissionais, culturais e práticas adquiridas na aprendizagem de línguas. Outro outro motivo destacado está relacionado com restrições organizacionais, uma vez que várias escolas apontaram às suas equipas de gestão como motivo para explicar por que razão as línguas não se desenvolvem mais nas suas instituições.





Neste relatório, os professores de MFL sugeriram uma mudança na forma de pensar das equipas de gestão, a fim de promover ainda mais os MFL e como estes são fundamentais para o desenvolvimento de competências para os alunos, tendo alguns professores afirmado explicitamente que é necessário que os directores das escolas compreendam a importância dos MFL e que estes tenham uma maior prioridade no currículo das escolas. No entanto, além disso, seria aconselhável envolver outras partes interessadas, tais como empregadores que dão importância ao trabalho com pessoal multilingue, para que as escolas e os directores de escolas compreendam a importância da aprendizagem de línguas num panorama sombrio: entre 2002 e 2008, as inscrições para o MLF no GCSE, os exames obrigatórios no ensino secundário no sistema britânico para alunos entre 11 e 16 anos de idade, diminuíram 57%, de acordo com o Relatório Language Trends Wales publicado em 2018, tendo o alemão diminuído surpreendentemente 71% neste período de seis anos.

O baixo número de estudantes que fazem MFL no GCSE significa que o número potencial de estudantes que possivelmente continuarão a estudá-los ao nível A será ainda menor. Isto é especialmente necessário depois dos maus resultados que as disciplinas de MFL têm tido em atrair estudantes desde que deixaram de ser obrigatórias em 2004 sob o governo trabalhista de Tony Blair. As escolas estão muito atentas aos resultados dos exames. Assim, como as MFL são vistas como disciplinas difíceis, como destacou a jornalista Anna Bawden num artigo publicado pelo The Guardian em Maio de 2019, por conseguinte, continuam a ser constantemente transferidas para a secção opcional do currículo.

Mesmo, mais importante ainda, o papel dos pais é fundamental para a oferta da aprendizagem de línguas. Os pais desta geração tiveram também a oportunidade de aprender um MFL, ou mais, e de usufruir das vantagens de viver numa sociedade multilingue e multicultural como os britânicos em particular e os europeus em geral. No entanto, os pais tendem a atribuir mais importância a outras competências, tais como as Tecnologias da Informação e Comunicação antes das línguas. Pensam que o inglês é amplamente falado no mundo e não precisam de outra língua para comunicar.





No entanto, Nicholas Ostler, num artigo publicado em Fevereiro de 2018 no jornal britânico *The Guardian*, explica: "As línguas francas transnacionais, uma vez estabelecidas, dão sempre uma aura de permanência. No entanto, quando as circunstâncias mudam, elas caem". E a mudança está claramente a chegar". No entanto, os lugares turísticos para onde habitualmente viajam nas suas férias também empregam pessoal que fala inglês, pelo que esta situação se torna uma situação de "catch-22": porque é que os turistas britânicos têm de aprender uma língua se são falados em inglês por pessoal que precisa de turistas britânicos para os seus negócios?

Por conseguinte, os destinos turísticos podem também ter uma parte da culpa em encorajar a percepção negativa da população britânica a aprender uma língua estrangeira. Assim, uma vez que os pais pensam que outras disciplinas podem ser mais práticas do que as MFL, as escolas sentem a necessidade de atender a esta necessidade. No entanto, a esperança de melhorar o estado do ensino das LMS reflecte-se na intenção do Governo galês de introduzir a aprendizagem das LMS nas escolas primárias, que é a norma em muitos dos países europeus.

Este novo currículo visa também encontrar a melhor maneira de o inglês, galês e os MFLs colaborarem no processo de ensino, encontrando sinergias comuns. O relatório "Language Trends Wales 2018" (doravante, LTW2018) também destacou quatro factores para o declínio da aprendizagem de línguas no Reino Unido. O primeiro já foi referido acima: os estudantes consideram os MFL como muito difíceis, e as notas tendem a ser mais baixas do que em outras disciplinas, com uma marcação mais dura. A segunda, em comunhão com o relatório do RiL, é que normalmente é dada mais importância às disciplinas tecnológicas e científicas, tanto pelos pais como pela direcção da escola. A terceira, aplicável apenas neste caso ao País de Gales, é o início do Bacharelato galês que teve um impacto na redução das escolhas de disciplinas para os estudantes. O Baccalauréat galês dá aos estudantes uma educação mais abrangente do que as disciplinas de nível A, que tendem a ser mais específicas, e os estudantes podem levar este Baccalauréat galês para além das suas próprias disciplinas de nível A. Como quarta consideração, e de acordo com este relatório, cerca de 37% das escolas pensam





que "o processo Brexit está a ter um efeito negativo nas atitudes em relação ao estudo do MFL" (9), sendo este efeito mais evidente na área do sudeste do País de Gales. Este relatório encontra uma correlação notável entre o número de estudantes que estudam um MFL no País de Gales e os diferentes factores económicos, com a sugestão de que quanto mais pobre for a área em que o estudante vive, menores serão as hipóteses de estudar um MFL. No entanto, aqui a escola continua a ser outro factor importante: nas escolas médias galesas (aquelas em que o programa é ensinado em galês) menos de um em cada dez estudantes estuda um MFL. LTW2018 também mostra que os MFL são ainda mais escolhidos por raparigas do que por rapazes. Quanto ao facto de os MFL serem obrigatórios ou facultativos, uma característica preocupante é que em 93% das escolas que participaram no estudo, os MFL são disciplinas facultativas e, destas, o relatório afirma que em 18% dessas escolas, os alunos "são activamente desencorajados de frequentar" disciplinas de MFL (LTW2018, 31).

Para além das razões acima apresentadas, outra questão interessante é que as escolas que encorajam os estudantes a fazer MFL estão situadas no campo, com apenas 8% das escolas urbanas a envolverem-se activamente com os estudantes nesta matéria, o que tem um impacto no número de estudantes que decidem fazer uma língua a nível universitário. Curiosamente, isto não reflecte os resultados do voto Brexit no País de Gales: cidades, e principalmente cidades universitárias, como Cardiff, Bangor e Aberystwyth, votaram a favor da permanência na UE, enquanto a maioria das zonas rurais votou a favor de Brexit. Este relatório LTW2018 também sublinhou que as escolas que também fornecem níveis A tendem a ser mais pró-activas no incentivo ao estudo de línguas se comparadas com aquelas em que os níveis A não são oferecidos. Assim, as principais razões para o declínio da aprendizagem de MFL no Reino Unido, e especialmente nos jovens de 16 anos, podem certamente ser atribuídas a várias causas.

Para resumir: em primeiro lugar, a percepção da dificuldade de MFL a todos os níveis. À dificuldade de aprender uma nova língua, outros factores devem ser acrescentados: muitos MFL são ensinados utilizando a gramática, enquanto que a língua inglesa, como disciplina, não recorre a este tipo de ensino. Consequentemente, isto tem





o efeito paradoxal de os estudantes melhorarem a sua compreensão de como funciona o inglês através da aprendizagem de um MFL, mas acham difícil a aprendizagem deste MFL. Isto tem outro efeito uma vez que, como há tão poucos estudantes a fazer MFL no GCSE, isto significa que haverá menos a nível A, onde o número de disciplinas a serem estudadas diminui para três ou quatro. A situação é ainda mais desoladora nos cursos vocacionais onde as línguas dificilmente são ensinadas. Em segundo lugar, muitos participantes no processo de aprendizagem (pais, professores, directores de escolas), compreendem que as disciplinas científicas e técnicas são muito mais importantes e úteis do que as MFL e a gestão escolar pode não estar a agir para impedir este privilégio das disciplinas técnicas ou profissionais sobre as línguas; quando ensinadas, o tempo de ensino de uma MFL representa apenas muito poucas horas ao longo do ano académico. Em terceiro lugar, no País de Gales, o Bacharelato galês também teve um impacto negativo na aprendizagem de MFL, uma vez que as línguas estrangeiras foram deslocadas pelo vasto número de disciplinas opcionais e pelo baixo número de disciplinas que os estudantes fazem nos seus anos finais antes de entrarem na universidade. Em quarto lugar, após o voto Brexit, as atitudes em relação à aprendizagem de MFL não melhoraram e, segundo diferentes relatórios, cerca de um terço das escolas que participaram no inquérito LTW2018 relataram que Brexit teve um impacto negativo ou muito negativo na forma como alguns dos interessados pensam de MFL.

Parece haver um impacto mais negativo na motivação dos alunos para estudar MFL em áreas urbanas, como indicado acima, com 56% das escolas da área sudeste do País de Gales a comentarem este impacto negativo, por oposição a apenas 23% nas escolas do centro-sul do País de Gales. O quadro seguinte mostra os diferentes condados nestas áreas e como votaram no referendo de Brexit. Todos os dados foram arredondados para cima ou para baixo, excepto para Monmouth (para evitar o valor 50/50 resultante após o arredondamento das percentagens):

| Região | Condado | Percentagem restante | Deixar Percentagem |
|--------|---------|----------------------|--------------------|
|--------|---------|----------------------|--------------------|





| | | | |
|------------------------------|-------------------|------|------|
| Sudeste do País de Gales | Blaenau Gwent | 38 | 62 |
| | Monmouth. | 50.4 | 49.6 |
| | Newport. | 44 | 56 |
| | Torfaen | 40 | 60 |
| | Caerphilly. | 42 | 58 |
| Centro-Sul do País de Gales. | Rhonda Cynon Taff | 46 | 54 |
| | Bridgend | 45 | 55 |
| | Vale de Glamorgan | 51 | 49 |
| | Cardiff | 60 | 40 |
| | Merthyr Tydfil | 44 | 56 |

Dada esta situação, as Instituições de Ensino Superior (IES, na sua sigla inglesa) no Reino Unido iniciaram uma campanha para fomentar a aprendizagem das IES: em Maio de 2019, mais de 150 académicos de 36 universidades escreveram uma carta aberta publicada pelo jornal britânico *The Guardian*, na qual advertiam "que os exames são classificados com demasiada severidade" e trazem stress desnecessário aos estudantes. Isto é uma indicação clara de que a queda no número de estudantes que aprendem uma língua aconteceu após o estudo de MFL ter deixado de ser obrigatório em 2004. A diminuição do número de estudantes que fazem um MFL nos níveis GCSE e A (33% menos em francês e 45% menos em alemão para os níveis A desde 2010) teve um efeito de arrastamento no recrutamento a nível universitário e no número de estudantes que fazem um curso de língua. Consequentemente, *The Guardian* informa que isto "está a fazer com que um número crescente de universidades não volte atrás ou mesmo elimine as línguas".

Um facto interessante relacionado com isto são os resultados do inquérito realizado pelo Conselho Universitário de Línguas Modernas (UCML) e a Associação de Comunidades Linguísticas Universitárias (AULC) e publicado em 2018 relativamente ao ensino e aprendizagem de MFL a nível universitário; os autores concluem: "O inquérito acompanhou a história do ensino de MFL nas IES no Reino Unido. Todas as universidades participantes (Greenwich, Oxford Brookes), à excepção de duas, foram fundadas antes de 1992 e tinham estabelecido MFL na sua instituição como disciplina formal antes desse ano-chave, quando muitas das chamadas novas universidades





(anteriormente politécnicas) foram introduzidas. Das duas exceções, apenas uma instituição começou a oferecer MFL após 2008, ou seja, após a crise financeira global que trouxe cortes significativos de financiamento a todos os sectores, incluindo o ensino superior. Todas as 24 universidades do Grupo Russell incluem o MFL nas suas ofertas académicas. Os dados sugerem que a disciplina de MFL tem tido menos sucesso em novas universidades (se os programas fossem abertos, estão todos menos fechados) e apenas um departamento de MFL abriu nos últimos dez anos". (UCML, 2018: 11) Esta atitude em relação (principalmente) às línguas europeias pode ter outro efeito desnecessário: assim que o Reino Unido deixar a UE, a oportunidade de recrutar mais especialistas em línguas poderá tornar-se cada vez mais difícil (Ward in TES, Novembro, 2018).

Em 2012, a Revista de Qualificações publicada pelo governo galês ofereceu uma lista detalhada de recomendações temáticas sobre o ensino secundário, uma das quais era que o "requisito linguístico deveria ser substituído, e uma opção linguística mais substancial deveria ser oferecida" (Welsh Assembly Government, 2012: 37). Isto sugeriu claramente que há necessidade de mais horas de contacto na aprendizagem de línguas estrangeiras modernas, o que ajudaria a travar o declínio do número de estudantes.

No entanto, é evidente que o governo galês não deu seguimento a esta recomendação. Este relatório foi seguido dos chamados "Successful Futures" pelo Professor Graham Donaldson. Ele defende uma renovação completa do sistema educacional no País de Gales e acrescenta que "o papel da aprendizagem de múltiplas línguas é particularmente importante no País de Gales" (Donaldson, 2015: 48). Também aponta várias questões, tais como a falta de investimento e restrições de tempo no calendário, como sendo dois factores importantes na falta de provisão de MFL no País de Gales e defende o início da aprendizagem de MFL no ensino primário.

O governo galês, após a revisão do Donaldson, publicou um documento intitulado "Global Futures", que afirmava que a aprendizagem de MFL deveria de facto começar agora na escola primária. Este relatório afirma que o objectivo desta mudança é "promover e elevar o perfil" dos MFL desde uma idade precoce (2015: 7). O Governo



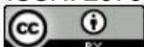


galês também deixou claro que pretende destacar os benefícios de estudar MFLs e, para isso, iniciou uma colaboração com universidades através da iniciativa "Route into Languages", como explicado acima.

Algumas sugestões para aumentar a aceitação dos estudantes que fazem MFL seriam:

13

1. O LTW 2018 destacou que a introdução da aprendizagem de MFL na escola primária deveria tornar-se importante para o País de Gales no futuro, embora isto seja num contexto de pressão de tempo e dificuldades económicas. Uma colaboração mais estreita entre as escolas primárias e secundárias com o apoio, se e quando necessário, das universidades pode ajudar a diminuir esta questão.
2. O desenvolvimento do ensino de MFL, principalmente com o enfoque nas línguas que o relatório do British Council Languages for the Future destaca como chave para as oportunidades internacionais do Reino Unido. Assim, não deve haver qualquer correlação entre o voto Brexit e a necessidade de línguas europeias. Pelo contrário, a necessidade de o Reino Unido manter laços estreitos (económicos, culturais e comerciais) com a UE, mas também com outros países, deveria traduzir-se claramente na promoção da aprendizagem de línguas, e isto deveria reflectir-se na sua capacidade de serem ensinadas a todos os níveis no sistema educativo. Isto deve também ser feito num clima em que os professores da UE estão a deixar o Reino Unido, que é outra chave de ignição nos trabalhos de aprendizagem de línguas.
3. A aprendizagem de MFL deve ser priorizada nas escolas e não colocada como módulos opcionais para favorecer outras disciplinas. O ensino de MFL não deve ser apenas obrigatório no programa de qualquer escola secundária, como acontece em muitos programas educativos de todo o mundo, mas deve também começar mais cedo, ao nível da escola primária. A investigação mostra que quanto mais cedo uma língua for ensinada e aprendida, mais os alunos aprenderão e atingirão proficiência na língua estrangeira.
4. Deve ser dada mais ênfase ao ensino de MFL em cursos profissionais (por exemplo, Estudos de Turismo ou Estudos Empresariais), tendo em conta que as línguas serão fundamentais no desenvolvimento destes sectores para um Reino Unido pós-Brexit. A aprendizagem de MFL poderia ser um complemento ideal para qualquer tipo de diploma ou curso, uma vez que dará aos estudantes um conjunto de competências necessárias para a mão-de-obra britânica no futuro. De facto, algumas universidades no Reino Unido estão actualmente a oferecer um programa através do qual os estudantes podem aprender uma língua adicionada ao seu curso de graduação ou pós-graduação, para melhorar o seu CV e





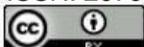
preparar-se melhor para o mercado da empregabilidade. Estes programas seguem geralmente o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas.

3 Conclusão

Apesar dos esforços feitos pelas universidades em interacção com as escolas secundárias e do trabalho realizado após o relatório "Global Futures", existe ainda uma tendência preocupante de diminuição do MFL no Reino Unido em geral, mas mais sinistra no País de Gales em particular, em parte devido à introdução do Bacharelato galês, que desencadeou a redução do MFL como opção de estudo. Do mesmo modo, os novos exames do programa de estudos tanto para o GCSE como para o A-Levels são considerados muito difíceis pelos estudantes, pais e professores em geral. Outro factor que tem tido um impacto negativo na aceitação das línguas é a dificuldade económica e os cortes nos orçamentos após a recessão global em 2008.

Embora o referendo Brexit tenha tido lugar quando a diminuição já tinha acontecido, teve um impacto na forma como as pessoas percebem as línguas, apesar de o relatório do British Council ter sublinhado que "as línguas continuarão a ser importantes para o sucesso das relações internacionais a todos os níveis". (BC, 4). O mesmo relatório sugeriu que a "falta de competências linguísticas e o consequente conhecimento cultural e consciência internacional limitados, continuam a ser uma ameaça para o sucesso económico do Reino Unido". (BC, 32). Isto está associado ao facto de "não ter havido um progresso universal na aprendizagem do inglês como língua estrangeira". (BC, 32).

O British Council conclui que as cinco línguas mais importantes para o Reino Unido no futuro são, por esta ordem: espanhol, mandarim, francês, árabe e alemão, com o italiano, holandês, português, japonês e russo a completarem as dez primeiras. O British Council utilizou vários indicadores para chegar a esta conclusão, nomeadamente as exportações britânicas, as necessidades linguísticas das empresas britânicas, as prioridades comerciais, os mercados de elevado crescimento, as prioridades diplomáticas e de segurança, os interesses linguísticos dos britânicos, as visitas de





turistas de outros países ao Reino Unido, as prioridades da estratégia de educação internacional do governo, os níveis de proficiência em inglês noutros países e a prevalência de diferentes línguas na Internet (ver páginas 54 e 55 do relatório).

Este relatório é claro ao salientar que o Reino Unido "atingiu agora um momento crítico em que o investimento na actualização das competências linguísticas da nação é fundamental" (BC, 32) e coloca a responsabilidade do processo de aprendizagem não só nos departamentos de educação do País de Gales, Escócia, Irlanda do Norte e Inglaterra, mas também nas empresas e cidadãos, e é sobretudo, na nossa opinião, que uma mudança crítica de mentalidade deve ser conseguida neste último grupo, como exemplificado com o pensamento dos pais sobre o lado vocacional das disciplinas.

A introdução do Bacharelato em Inglês, com a aprendizagem obrigatória de uma língua moderna ou clássica, é um ponto de esperança, uma vez que a percentagem de estudantes que estudam uma língua subiu seis pontos, para 46%, entre 2010 e 2018. Ainda assim, é preciso fazer mais, e alguns académicos pediram mudanças no sistema de classificação das línguas, algo que está a ser investigado no momento da redacção deste artigo.

Alguns projectos (como o RiL Cymru e um projecto semelhante que foi realizado em Sheffield, Inglaterra) onde alunos de graduação mentores de alunos de escolas secundárias têm tido excelentes resultados. Por exemplo, no País de Gales, a percentagem de estudantes que decidiram estudar um MFL depois do projecto RiL aumentou de 18,6% para 43%, uma nota de esperança tendo em conta que o MFL não é obrigatório no País de Gales (ao contrário do baccalauréat inglês).

Bibliografia

ÁLVAREZ, I, C. Montoro, C. Campbell and E. Polisca. **Language Provision in UK MFL Departments 2018 Survey**. University Council of Modern Languages, 2018. Available at: <http://oro.open.ac.uk/57477/>. Accessed on: 05-17-2022.

BAWDEN, A. "Modern language teaching 'under threat from tough exams'", in **The Guardian** (11/05/2019). Available at:





<https://www.theguardian.com/education/2019/may/11/modern-language-teaching-under-threat-from-tough-exams>. Accessed on: 05-17-2022.

BAWDEN, A. “Language exams: how hard are they and is there a crisis?”, in **The Guardian** (11/05/2019). Available at: <https://www.theguardian.com/education/2019/may/11/language-exams-how-hard-are-they-and-is-there-a-crisis>. Accessed on: 05-17-2022.

16

BAWDEN, A. “University students inspire secondary pupils to say ‘oui’”, in **The Guardian** (18/05/2019). Available at: <https://www.theguardian.com/international>. Accessed on: 05-17-2022.

DONALDSON, G. **Successful Futures. Independent Review of Curriculum and Assessment Arrangements in Wales**. Cardiff: OGL, 2015.

EVANS, H. **Review of Qualifications for 14 to 19-year-olds in Wales**. Cardiff: OGL, 2012.

GLOBAL FUTURES. **A plan to improve and promote modern foreign languages in Wales. 2015-2020**. Cardiff: OGL, 2015.

JACK, A. “Augar review: how will it affect universities and students?”, in **Financial Times** (30/05/2019). Available at: <https://www.ft.com/content/3bc0c514-82e4-11e9-9935-ad75bb96c849>. Accessed on: 05-17-2022.

LANGUAGES FOR THE FUTURE. **The foreign languages the United Kingdom needs to become a truly global nation**. London: Alcantara, 2017.

OFTSED. **Curriculum research review series: languages**. (British Government, 07/06/2021). Available at: <https://www.gov.uk/government/publications/curriculum-research-review-series-languages>. Accessed on: 05-17-2022.

OSTLER, N. “Have we reached peak English in the world?”, in **The Guardian** (27/02/2018). Available at: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/feb/27/reached-peak-english-britain-china>. Accessed on: 05-17-2022.

ROUTES INTO LANGUAGES. **Evaluation of the 2016-2018 phase**. London: Alcantara, 2018.

TINSLEY, T. **Language Trends Wales 2018**. The state of language learning in secondary schools in Wales. London, Alcantara, 2018.





TINSLEY, T. **Language Trends 2019. Language Teaching in Primary and Secondary Schools in England**. A Survey. London: British Council, 2019.

VV.AA. “Ofqual is killing off modern foreign language education”, in **The Guardian** (11/05/2019). Available at: <https://www.theguardian.com/education/2019/may/11/modern-language-teaching-under-threat-from-tough-exams#:~:text=The%20exams%20regulator%20in%20England,to%20more%20than%20150%20academics>. Accessed on: 05-17-2022.

WARD, H. “European teachers shunning England as Brexit looms”, in **TES** (29/11/2018). Available at: <https://www.tes.com/magazine/archive/why-brexit-chaos-would-have-benefits-uk-schools>. Accessed on: 05-17-2022.

WHIELDON, F. “Post-18 education review: the 9 main recommendations for FE”, in **FEweek** (30/05/2019). Available at: <https://feweek.co.uk/post-18-education-review-the-10-key-recommendations-for-fe/>. Accessed on: 05-17-2022.

¹ **Carlos Sanz Mingo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9614-6693>

Cardiff University

Carlos A. Sanz Mingo is a Senior Lecturer in Hispanic Studies and Translation Studies in the University of Cardiff, Wales. In 2008 he defended his PhD thesis on the trilogy “The Warlord Chronicles” by Bernard Cornwell. His research interests are the Arthurian Legend, pedagogy of MFL and translation practice.

Contribuição de autoria: 100%.

E-mail: mingocs@cardiff.ac.uk

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: José Rogério Santana.

Como citar este artigo (ABNT):

SANZ MINGO, Carlos. Modern Foreign Languages and The United Kingdom: The Case of Wales. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e48404, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.47149/pemo.v4.8404>

Recebido em 07 de junho de 2022.

Aceito em 16 de julho de 2022.

Publicado em 16 de julho de 2022.



